

Tradução e Literatura Comparada: cruzamento interdisciplinar

Sara Viola Rodrigues¹

No artigo "Carta a um Amigo Japonês", que vem a ser o texto da carta que Jacques Derrida (1987) escreveu para Toshihiko Izutsu, o célebre islamólogo japonês, o não menos célebre filósofo francês registra algumas reflexões sobre a palavra "desconstrução" que retomamos agora, para também refletirmos um pouco sobre a relação entre Literatura Comparada e Tradução.

Antevendo a dificuldade de uma "possível tradução dessa palavra para o japonês", Derrida propõe-se a tentar, ao menos, determinar tudo aquilo que não pode ser associado à palavra "desconstrução", ou tudo o que *deveria* ser a ela associado, se *possível*. É o próprio filósofo quem salienta as expressões *deveria* e *possível*, pois, como se verá adiante, as dificuldades de tradução da referida palavra, servem para demonstrar que a questão da desconstrução é também, inteiramente, a questão da tradução. Mesmo em francês, não se encontra uma significação clara e unívoca para a referida palavra. Seus significados mudam de um contexto a outro, o mesmo acontecendo em alemão e inglês. Sobre tudo, no inglês americano, a palavra desconstrução está ligada a conotações, inflexões e valores afetivos muito diferentes.

Derrida segue explicando ao professor Izutsu, que escolheu essa palavra para ser, se não lhe falha a memória, utilizada em *Gramatologia*. Desejava, entre outras coisas traduzir e adaptar as palavras heideggerianas *Destruktion* ou *Abbau*, as quais indicavam, naquele contexto, uma operação relativa à *estrutura*, ou à *arquitetura* tradicional dos conceitos fundadores da ontologia ou da metafísica ocidental. Acontece que em francês, continua Derrida, o referido termo *destruction* (destruição), implicava, muito claramente, "uma aniquilação, uma redução negativa, talvez mais próxima da "demolição" nietzschiana, do que da interpretação heideggeriana do tipo de leitura que [ele] propunha. Assim sendo, Derrida desiste de utilizá-la.

O autor diz que se lembra de ter verificado se a palavra desconstrução (que lhe chegara de maneira aparentemente muito espontânea) era, de fato, francês. Foi ao *Littre* e gostou do que viu: "os suportes gramatical, lingüístico ou retórico, encontravam-se aí, associados a um suporte "mecanicista" que calhavam com o que

¹ Professora do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS e do PPG de Letras. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Tradução. Doutora em Literatura Comparada - USP.

Derrida desejava sugerir. E o autor retoma alguns verbetes do *Littre* que citamos a seguir:

"Desconstrução". /Ação de desconstruir./Termo de gramática. Desorganização da construção das palavras em uma frase. "Da desconstrução vulgarmente dita construção", Lemare, De la manière d'apprendre les langues, capítulo 17, em Cours de langue latine. Desconstruir/1. Desarticular as partes de um todo. Desconstruir uma máquina para transportá-la para outro lugar; 2.Termo de gramática (...) Desconstruir os versos, torná-los, por supressão da medida, semelhantes à prosa./Absolutamente. "No método de frases pré-nocionais, começa-se também pela tradução, e uma de suas vantagens é não ter nunca necessidade de desconstruir", Lemare, ibidem 3. Desconstruir-se (...) Perder sua construção. "A erudição moderna nos atesta que, em uma região do imutável Oriente, uma língua próxima à sua perfeição desconstruiu-se e alterou-se por si mesma, pela única lei de mudança, natural ao espírito humano.

Derrida adverte que, embora todas essas significações lhe interessassem por se coadunarem com o que ele "queria dizer", elas certamente não abarcavam a totalidade dos sentidos que a desconstrução pode pretender. "Essa totalidade não se limita nem a um modelo lingüístico-gramatical, nem mesmo a um modelo semântico, e menos ainda a um modelo mecanicista". Segundo Derrida, foram esses modelos que deram origem a uma série de mal-entendidos sobre o conceito e a palavra "desconstrução". O autor lembra que "a palavra era de uso raro, muitas vezes desconhecida na França". Por isso, de certo modo, ela precisou ser reconstruída e "o seu valor de uso foi determinado pelo discurso (...) em torno e a partir da *Gramatologia*". Derrida chama a atenção para o fato de que é desse valor de uso que estará tratando e, não, de "algum sentido primitivo, qualquer etimologia ao abrigo ou além de toda estratégia contextual".

Antes, entretanto, o autor faz algumas observações sobre o "contexto". Recorda que o "estruturalismo" era então dominante e "desconstrução" parecia ter tudo a ver com esse movimento, já que a palavra significava "uma certa atenção para com as estruturas". Nesse sentido, continua Derrida, desconstruir era um gesto estruturalista, mas era também visto como um gesto anti-estruturalista, pois tratava-se de "desfazer, descompor, densedimentar as estruturas (todas as espécies de estruturas, lingüísticas, "logocêntricas", "fonocêntricas" e Derrida faz menção ao domínio que a lingüística exercia sobre o estruturalismo via seus modelos lingüísticos, "da lingüística dita estrutural que se dizia também saussuriana". O estruturalismo também era dominado por modelos socioinstitucionais, políticos, culturais e, principalmente, filosóficos. Derrida declara ser por isso que, principalmente nos EUA, o motivo da desconstrução foi associado ao "pós-estruturalismo". Entretanto, segundo o mesmo autor, a operação de descompor, densedimentar as estruturas, era de caráter mais histórico que o estruturalismo, o

qual, por isso mesmo, era recolocado em questão e isso não era para ser uma operação negativa. Derrida explica que "mais que destruir, era preciso também compreender como um 'conjunto' tinha se construído". Contudo, esse caráter negativo era e é muito difícil de apagar: o próprio prefixo da palavra desconstrução (des-) carrega o sentido de negação [e ainda de separação, privação, ação contrária]. Por tudo isso, Derrida declara que essa palavra nunca lhe pareceu satisfatória (e pergunta: "mas qual palavra o é?"), afirma ainda que a palavra *desconstrução* deve sempre estar circunscrita por um discurso.

O filósofo e crítico francês continua sua carta dizendo que, "apesar das aparências, a desconstrução não é nem uma análise, nem uma crítica" e ele alerta que a tradução dessa palavra deveria levar isso em conta. Justifica dizendo que não é uma *análise*, em particular, porque "a desmontagem de uma estrutura não é uma regressão em direção ao *elemento simples*, a uma *origem indecomponível*. Aponta para o fato de que a instância da crítica (decisão, escolha, julgamento, discernimento) também é, "ela mesma, um dos 'temas' ou dos 'objetos' essenciais da desconstrução".

Derrida vai adiante, dizendo que a "desconstrução não é um método e não pode ser transformada em método" (...) sobretudo se se acentua nessa palavra a significação tecnicista. Um pouco além, esclarece tal afirmativa, exemplificando com o que acontece em certos meios universitários e culturais, especialmente nos EUA, onde desconstrução passa a ter essa significação tecnicista e metodológica, o que deu origem ao debate: "a desconstrução pode tornar-se uma metodologia da leitura e da interpretação? Pode assim se deixar apropriar e domesticar pela instituição acadêmica?"

O autor prossegue a carta declarando que a desconstrução não se reduz a qualquer "instrumentalidade metodológica, a um conjunto de regras e de processos transponíveis". Cada "acontecimento" de desconstrução é tão singular como, por exemplo, um idioma, ou uma assinatura". A desconstrução não é nem mesmo um ato ou uma operação:

não somente porque haveria nela qualquer coisa de 'passivo', ou de 'paciente'. Não somente porque ela não diz respeito a um sujeito (individual ou coletivo) que teria a iniciativa e a aplicaria a um objeto, um texto, um tema, etc. A desconstrução tem lugar, é um acontecimento que não espera a deliberação, a consciência ou a organização do sujeito, nem mesmo da modernidade. Isso se desconstrói. O isso não é aqui uma coisa impessoal, que se oporia a alguma subjetividade egológica. Está em desconstrução (Littre dizia: "se desconstruir... perder sua construção") E o "se" do "se desconstruir", que não é reflexividade de um eu, ou de uma consciência, carrega todo o enigma.

O filósofo missivista segue o texto conjecturando sobre o significado da desconstrução nos dias atuais em que ela tornou-se "um móbil com sua palavra,

seus temas privilegiados, sua estratégia móvel". Tentando simplificar, Derrida afirma:

a dificuldade de definir e, portanto, também de traduzir a palavra "desconstrução" deve-se ao fato de que todos os predicados, todos os conceitos definidores, todas as significações lexicais, e mesmo as articulações sintáticas que parecem um momento se prestar a essa definição e a essa tradução são também desconstruídas ou desconstruíveis, diretamente ou não etc.

O autor estende a validade dessa afirmativa para toda a palavra, pois a palavra "desconstrução", ou qualquer outra, só adquire valor se inscrita em uma cadeia de substituições possíveis, dentro de um determinado contexto. Assim, encaminha-se para a conclusão de sua carta, confessando que, por todas as razões apresentadas, desconstrução não é uma *boa palavra*, "embora tenha prestados alguns serviços, em uma situação bem determinada. Para saber o que a impôs em uma cadeia de substituições possíveis, apesar de sua imperfeição essencial, seria preciso analisar e desconstruir essa 'situação bem determinada'".

Derrida finaliza a carta registrando o que pensa sobre tradução. Para ele, a tradução não é "um acontecimento secundário e derivado em relação a uma língua ou a um texto de origem". Assim como a palavra desconstrução pode ser substituída por outra, em uma cadeia de substituições, dentro do francês, "isso também pode se fazer de uma língua para outra". Derrida ensaia então algumas possibilidades de caminhos para traduzir desconstrução em japonês: 1. teríamos uma outra palavra (a mesma e uma outra) *encontrada* ou *inventada* em japonês, para dizer a mesma coisa (a mesma e uma outra), para falar da desconstrução e para *conduzí-la para um outro lugar, escrevê-la e transcrevê-la*. Em uma palavra que seria também mais bela. Então Derrida chega ao conceito de tradução como "risco e possibilidade do poema". E sua última frase é: "Como traduzir 'poema', um 'poema'?"

Essa pergunta, entre várias outras possibilidades, enseja que retomemos o tema deste trabalho que é, precisamente, a relação entre a tradução e a Literatura Comparada, sob o impacto do pensamento derrideano acima exposto. Do ponto de vista da tarefa do tradutor, tomando-se um texto de literatura a ser traduzido para outra língua, temos que todas as suas palavras, figuras e significações deverão entrar em confronto com uma série de substituições possíveis na língua-cultura alvo. A escolha do tradutor será determinada por uma variedade de fatores (os quais não podemos aqui examinar detidamente) que têm, como moldura, o contexto situacional. Portanto, a tradução é sempre discurso resultante de apropriação, desconstrução e transcrição. Note-se aqui a confluência do pensamento de Derrida com o do poeta e tradutor Haroldo de Campos (1991), cujo conceito de *transcrição*, sobejamente conhecido entre nós, tem servido de norte para escritores e teóricos da tradução em nosso meio.

Do ponto de vista da Literatura Comparada, a tradução, enquanto elemento intermediário, desempenha papéis essenciais. Entre eles, como aponta Riffaterre (1995), o de chamar a atenção da academia [e de todos], para a existência de uma grande quantidade de culturas que a Literatura Comparada ignorava. Além disso, ainda de acordo com Riffaterre, a tradução pode ser vista como um paradigma para os problemas de compreensão e interpretação entre diferentes tradições discursivas. Este último fato comprova-se não só epistemologicamente, através de análises como a da carta de Derrida a Izutsu, como pelo que se pode deduzir a partir do contato cultural propiciado pela tradução. Veja-se como exemplo da penetração da atividade tradutória em praticamente todas as áreas do conhecimento humano, o livro de Judith Woodsworth: *Translators through History*, onde a autora traça o percurso da tradução e seu papel na invenção de formas de escrita e criação de dicionários, no desenvolvimento das línguas nacionais, na emergência de literaturas nacionais, na disseminação do saber, na questão do poder, da religião e da transmissão de valores culturais, na interpretação e construção da História.

Assim configurada, a relação entre a Tradução e a Literatura Comparada insere-se perfeitamente como objeto de reflexão e análise através do questionamento dos limites dessas duas disciplinas, do confronto de suas teorias e métodos. Tal análise enquadra-se no plano de investigação da Linha de Pesquisa Limiares Críticos no Comparatismo, do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, na medida em que as investigações da Linha focalizam as zonas liminares entre as disciplinas do conhecimento humano, especialmente das ciências sociais, contrastando e confrontando seus discursos, revendo e reescrevendo conceitos tradicionais e, dessa forma, ultrapassando limites, conforme está ilustrado, por exemplo, no livro *Culturas, Contextos e Discursos: Limiares Críticos do Comparatismo*, coordenado por Tania Franco Carvalhal, de cujo texto, na Introdução da referida obra, retiro idéias para fundamentar essas considerações.

Ainda nesse sentido, e tendo em perspectiva o texto derrideano que comentamos, percebe-se que os Estudos da Tradução vinculam-se estreitamente à Literatura Comparada, compartilhando com esta a resolução de questões como apropriação, hibridismo, interpenetração cultural, cruzamentos discursivos, etc, pois tudo isso pode ser, num movimento reverso, flagrado, como se tentou demonstrar através do texto de Derrida, no processo de busca de solução para a tradução de *desconstrução*.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, Haroldo. Tradução e Reconfiguração do Imaginário: O Tradutor como Transfingidor in: Malcon Coulthard & Carmen Coulthard. *Tradução, Teoria e Prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.
- CARVALHAL, Tânia F. (Org.). *Culturas, Contextos e Discursos – Limiares Críticos no Comparatismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.
- DERRIDA, Jacques. Carta a um Amigo Japonês in: *Psiché: Invention de l'autre*. Paris: Galilée, 1987, p.387-93.
- RIFFATERRE, Michael. On the Complementary of Comparative Literature and Culture Studies in: Charles Berheimer (ed). *Comparative Literature in the Age of Multiculturalism*. Baltimore and London: John Hopkins University Press, 1995.

Semanálise e tradução

Sara Viola Rodrigues

No Seminário Internacional do GT de Literatura Comparada da ANPOLL “Limiares Críticos no Comparatismo”, realizado em 14 e 15 de 1999 na UFRGS em Porto Alegre, apresentei um trabalho intitulado “Os Limiares da Crítica da Tradução na Pós-Modernidade”(1999). O referido texto traça um panorama das diversas teorias da tradução na perspectiva de um contexto histórico, focalizando a ligação íntima entre a tradução, especialmente a tradução literária, a teoria literária, a literatura comparada e os estudos culturais. Pode-se dizer que o panorama mencionado aponta três direções principais.

A primeira, tendo como base as obras de Schulte e Biguenet (1989 e 1992) que reúnem ensaios sobre teoria da tradução de Dryden a Derrida, registra a reflexão de tradutores e especialistas sobre seus próprios atos de tradução e sobre a utilidade, impacto e função dessas traduções na sociedade humana. A segunda direção focaliza trabalhos com base estruturalista e lingüística, como, por exemplo, a obra de Juliane House e as duas versões de seu modelo para avaliar a qualidade da tradução (1981 e 1997). A terceira, embora compreendendo, como a primeira, abordagens variadas na sua origem e propósitos, é a direção tomada pelos estudos desconstrucionistas e pós-modernos. Esse grupo abrange especialistas oriundos principalmente dos campos da filosofia e sociologia (Graham, de Man, Derrida, Foucault, Gentzler, Venuti). No Brasil, alinham-se com o pensamento pós-estruturalista Arrojo, Aubert, Bordenave.

As duas primeiras direções tomam a noção de equivalência de sentido entre original e texto traduzido como a meta de toda e qualquer tradução e, portanto, como norma para avaliar a qualidade do texto traduzido. (Seja (m) qual (is) for (em) o(s) conceito (s) que produza (m) a noção de equivalência). A terceira direção, abandonando a crença de que o original possui um significado fixo, estável – que é preciso ser mantido na tradução – vai em busca de outras concepções e metodologias, como a desconstrução de Derrida, ou os estudos descritivos da tradução propostos por Gideon Toury, tendo como base o caráter deslizante do significado, associado às questões da recepção, especialmente contempladas na teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar.

No final do trabalho, trouxemos uma posição crítica em relação às concepções pós-modernas a respeito do significado e do conhecimento, materializada, centralmente no texto de Mário Laranjeira (1998: 159-68) e na teoria da *semanálise* de Júlia Kristeva que, partindo das noções de estrutura profunda e estrutura de superfície, competência e performance da teoria chomskiana, associadas